

# **Tá na Cara ou "Auto Retrato Falado" ou Perfil do Estudante de História ou Pesquisa para Diagnóstico e Avaliação do Curso de História.**

Cleber Maciel

Em março de 1988, foi encaminhado ao Departamento de História do CEG-UFES o relatório da tabulação das informações obtidas com uma Pesquisa feita junto aos estudantes do Curso de História, por intermédio de um questionário, composto de 66 questões divididas em 3 partes, aplicado durante a rematrícula realizada para o período 87/2.

Esse questionário foi elaborado com base nos resultados das discussões acerca de outros questionários preliminares de sondagem das opiniões dos estudantes sobre os possíveis problemas existentes no curso e sobre como diagnosticá-los. Assim, todas as questões, bem como as opções de respostas que compunham o questionário já eram produtos de pesquisas anteriores. Montado o questionário, ele foi aplicado e então tinha-se uma fase da pesquisa realizada. A partir dela, pretendia-se diagnosticar os problemas do curso e retornar ao processo de discussões para definir possíveis soluções.

A idéia inicial previa a aplicação de um questionário específico para os professores. Entretanto, tendo em vista a forte resistência encontrada em parcela deste segmento no Curso, apesar de o questionário ter sido discutido e montado, acabou não sendo aplicado.

Os participantes do projeto, apesar de não explicitarem este aspecto, tinham combinado entre si que muito mais do que apresentar folhas e folhas de resultados escritos, pois pensavam que isso era inutilidade burocrática, tinham como principais objetivos: a) promover as discussões sobre os problemas do curso; b) dinamizar e motivar atitudes renovadoras e; c) servir como polo irradiador de idéias e ações. Esses objetivos, naquele momento, foram plenamente alcançados, considerados os limites pessoais dos membros do grupo e os que eram impostos pelas conjunturas ideológicas e administrativas.

Todavia, foi considerando o compromisso institucional que, na época, apresentou-se o relatório, apesar de que o realmente importante ao Diagnóstico Para Avaliação do Curso, visando propostas de melhorias, seriam as discussões das informações ali contidas e as idéias que, possivelmente, haveriam de surgir. Isto não aconteceu pois, naquele momento, a divulgação do relatório não recebeu a atenção correspondente às expectativas criadas e, praticamente, os seus dados informativos não foram discutidos.

Não obstante estas questões, é necessário destacar o papel relevante de alguns professores que compreenderam o espírito motivador daquele trabalho e gastaram algumas de suas preciosas horas discutindo questões e dando sugestões. Aí destacam-se Jaime Rey Doxsey, do Departamento de Ciências Sociais e Ailton Pedreira da Silva, do Departamento de Estatística. Nesse mesmo aspecto, tem-se que destacar o entusiasmo e dedicação dos estudantes Vitor Aurélio Sobreira Araújo, Andréa Bayerl Mongim, Adriana Pereira Campos, Célia Maria Vilela Tavares, Marcos Garcia Dantas e muitos outros, todos do Curso de História, que não esmoreciam diante das críticas, e com renovada alegria retornavam às discussões e revisões das partes do projeto emendadas e/ou vetadas durante aquele "vai e vem" de leituras, de consultas, de anotações de opiniões e de reuniões que prolongaram-se por três semestres.

O que se apresenta agora é uma síntese daquilo que, para os imediatamente envolvidos, ficou conhecido como Perfil do Estudante de História na UFES, isto é, os resultados das respostas dos estudantes sobre as partes do questionário que traziam algumas "informações pessoais", "informações sobre as relações do estudante com o curso, com os professores e com o Centro Acadêmico", além de "informações gerais". A interpretação do conjunto dessas respostas fornece um "auto retrato falado" do estudante de História e, como tal, é apenas uma tentativa de aproximação da realidade, com as margens de erros próprias das limitações do método, do tempo e do autor que assume a responsabilidade, isentando os demais componentes do grupo de pesquisa, sobre o uso dos dados e as conclusões tiradas.

É importante destacar que foram distribuídos 220 questionários. Entretanto apenas 177 foram respondidos e devolvidos.

## **INFORMAÇÕES PESSOAIS**

Esta parte era constituída de 11 questões, das quais a de número 1 indicava que dos 177 estudantes que responderam o questionário, 74 eram do sexo masculino e 103 do sexo feminino. Pela resposta 2 verifica-se que 134 estudantes estavam na faixa de idade entre 20 e 27 anos, 12 entre os 18 e 19 anos, 8 com 29 anos e apenas 19 com mais de 30 anos, sendo que o mais velho tinha 54 anos. Dos 177 apenas 4 não quiseram declarar a idade.

Em relação ao estado civil, 138 declararam-se solteiros, 32 casados, 4 divorciados, 1 desquitado e 2 preencheram a opção "outros".

Tentando-se identificar as localidades de origem dos estudantes, verificou-se que 60 deles eram de Vitória, 13 de Vila Velha, 8 de Colatina e 8 do Rio de Janeiro. Os municípios de Cachoeiro de Itapemirim, Santa Tereza, Governador Valadares e Castelo participaram com 5 estudantes cada um. Os demais

estudantes eram oriundos de 47 municípios diferentes, entre os quais 27 do Espírito Santo, 10 de Minas Gerais e os demais oriundos de municípios espalhados por 9 Estados diferentes, isto é, BA, DF, RJ, SP, MA, PR, PA, PE e PI. Entretanto, como residência atual foram apontados apenas os municípios de Vitória com 88, Vila Velha com 44, Cariacica com 29, Serra com 14, Viana e Guarapari com apenas 1 cada.

Na verificação da escolaridade dos pais dos estudantes, percebeu-se que a escolaridade das mães era ligeiramente superior a dos pais, considerando-se os primeiro e segundo graus. Contudo, há mais pais com terceiro grau completo e pós-graduação do que mães, embora a diferença fosse, na realidade, muito pequena, ou seja, de apenas 4. Isto porque os pais com terceiro grau eram 15 e com pós-graduação eram 7, enquanto as mães com terceiro grau eram 11 e pós-graduadas 3. Interessante apontar que apenas 2 declararam ter "pai analfabeto".

Perguntado se o estudante trabalhava, 122 responderam que sim, 53 responderam que não e 2 anularam a resposta. Dos 122 que trabalhavam, 53 declararam que já exerciam a atividade profissional de professor, 9 eram funcionários públicos e os 60 restantes exerciam atividades profissionais tão diversas que configurava-se quase que uma profissão diferente para cada um deles. Enquanto 66 estudantes trabalhavam no horário da tarde, 6 ocupavam todo horário da noite com o trabalho e 8 trabalhavam pela manhã. Apenas 8 tinham a possibilidade de distribuir seus horários de trabalho nos turnos da manhã, tarde e noite. Contudo somente 20 trabalhavam apenas nos horários da tarde e noite.

Na questão relativa às rendas mensais dos estudantes, abriu-se a possibilidade de que eles optassem por informar sua renda pessoal ou a renda familiar. O resultado foi que um pouco mais de 20%, isto é, 39 estudantes, revelaram renda entre 0 e 3 salários mínimos. Já aproximadamente 25%, ou seja, 45 tinham renda entre 3 e 6 salários mínimos. Entre 6 e 9 salários mínimos classificaram-se 34 estudantes. Com renda acima de 9 salários mínimos foram encontrados 58 estudantes, o equivalente a quase 33% do total.

Conclui-se que, em relação aos aspectos pessoais, o "auto retrato falado" do estudante de História "desenhava o perfil" de uma pessoa cujo sexo tinha 60% de possibilidade de ser feminino, com idade entre 21 e 27 anos, solteira, oriunda do Espírito Santo, talvez de Vitória, cujos pais tinham 2º ou 3º grau completo. Parece que ela trabalhava em, pelo menos, um horário, provavelmente à tarde, já como professora e a renda mensal da sua família estava entre 3 e 9 salários mínimos.

#### INFORMAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DO ESTUDANTE COM O CURSO, COM O PROFESSOR E COM O CENTRO ACADÊMICO.

A primeira pergunta desta parte da pesquisa era sobre as opções alternativas de cursos feitas na época do vestibular. Verificou-se, efetivamente, que dos 177 estudantes, 150, quase 85%, tinham feito vestibular para História como primeira opção de curso. Na impossibilidade de cursar História, os estudantes teriam Administração, Economia, Comunicação, Educação Física, Serviço Social e Pedagogia. Mas, é importante destacar que Geografia era a segunda opção de 55 estudantes. De qualquer forma, 133 estudantes achavam que sua opção pelo curso de História havia sido feita por causa de "vocação natural". Entretanto, 20 estudantes, inicialmente, intencionavam usar o curso de História apenas como ponte para entrar na Universidade, depois fariam a reopção de Curso. Os familiares influenciaram a opção por História de 3 estudantes e 4 haviam feito testes vocacionais que definiram suas opções pelo Curso.

Perguntados se conheciam a estrutura organizativa do Curso de História e da Universidade, 76 responderam não conhecer nada, 55 responderam conhecer bem toda estrutura, 30 disseram só conhecer a organização do Curso e 7 declararam só conhecer a estrutura organizativa da Universidade.

Conforme a data de ingresso no Curso, existiam estudantes matriculando-se no Curso de História já por 22 semestres seguidos, sem conseguir colar grau. Entretanto, a média estava entre 8 e 11 semestres, mesmo para os estudantes que faziam outro Curso Superior, além de História, na UFES. Neste caso eles eram 38, assim distribuídos: Direito 11, Geografia 6, Educação Física 4, Medicina e Letras com 3 cada, Psicologia, Biblioteconomia, Administração e Educação Artística com 2 cada, Arquitetura, Comunicação e Pedagogia com 1 cada. Interessante que todos tinham iniciado tais cursos antes do curso de História e 36 estudantes achavam que os conteúdos dos cursos que faziam eram complementares ao de História.

Considerando as expectativas dos estudantes em relação ao Curso, pela ordem decrescente de importância, as grandes expectativas eram: formar uma visão crítica; adquirir cultura; ter uma profissão; ascender na carreira profissional que já militava; terminar rapidamente o curso e; ascender socialmente. Entretanto apenas 52 achavam que o Curso estava correspondendo às suas principais expectativas.

Na definição dos maiores problemas do Curso, é interessante notar que os estudantes revelaram a clara tendência no sentido de assumir parte da responsabilidade nesses problemas. Assim é que apontaram a "falta de conhecimento histórico mínimo na maioria dos estudantes" como sendo o principal problema, seguido do "currículo" e "falta de professores", este um problema tipicamente conjuntural. Continuando,

citaram "rebaixamento do nível para superar deficiências do segundo grau", "falta de empenho generalizado dos professores", "apatia geral dos estudantes", além da "falta de democracia nas relações entre estudantes e professores". Muitos outros problemas foram apontados nos espaços destinados a "outras respostas" não contempladas nas opções apresentadas pelo questionário, porém apenas mais alguns serão destacados, entre os quais: "falta de horários à tarde e à noite"; "falta de tempo e condições econômicas" dos estudantes para maior dedicação aos estudos; "sistema de ensino inadequado"; "o curso foi formulado para outro Brasil"; "sobre o mundo contemporâneo e suas idéias nada existe".

Por incrível que pareça, na hora de sugerir formas de correções para os problemas apontados, os estudantes indicavam, em primeiro lugar, a "reciclagem da didática e do conteúdo dos professores". Em segundo lugar, apontavam para a necessidade de que as contratações de professores fossem feitas somente via concurso público. Sugeriam também "redemocratizar a relação professor/estudante", "reformular o currículo", achavam que "professores devem exigir mais dos estudantes e deles mesmos", que era necessário "exigir maior pontualidade de professores e estudantes" e "debater sobre as deficiências e estabelecer estratégias de melhorias", tais como, "definir linhas de pesquisas" e "promover mais debates sobre os problemas do curso". Como a questão exigia resposta de manifestação livre por parte dos estudantes, pois não era dirigida através de respostas previamente formuladas para opção, o índice de abstenções foi altíssimo. Isto é, dos 177 que compunham o total, 78 nada responderam e, entre os que responderam, a maioria aproveitou o espaço para manifestações muito específicas e pessoais que em nada contribuíam para a questão. Mas houve um número significativo de manifestações sobre o problema estrutural da educação brasileira, por exemplo, explicitadas na necessidade de "valorizar a pesquisa", "eleições diretas", "reestruturação do ensino de 1º e 2º graus", "criar melhores condições de ensino", "aumentar o salário dos professores".

Os estudantes revelaram que 69 deles "nunca" sabiam o que era discutido nas reuniões do Departamento. "Poucas vezes" 77 tomavam conhecimento dos assuntos, 17 "muitas vezes" sabiam e 9 "sempre" sabiam as pautas dos assuntos a serem tratados nas reuniões do Departamento.

Os estudantes consideraram a assiduidade dos professores boa, pois 117 estudantes afirmavam que os professores faltavam "poucas vezes" e 42 "muitas vezes" às aulas. Entretanto, apenas 13 estudantes pensavam que os professores estavam "completamente" ou "bastante" comprometidos com a melhoria do ensino. O pior é que 156 estudantes achavam que os professores estavam apenas "um pouco" ou "nem um pouco" comprometidos com essa questão de melhoria da qualidade do Curso. Pelo lado dos próprios estudantes, 28 achavam que eles estavam comprometidos com as tentativas de melhoria do ensino. Porém 123 achavam que a maioria dos estudantes não tinha "nenhum compromisso" com essa briga.

Embora os estudantes se declarassem assíduos e pontuais quase por unanimidade, 56 admitiam que estudavam "apenas o mínimo suficiente para cumprir as tarefas acadêmicas", 57 declararam que nunca ficavam mais de quatro horas por dia dentro da Universidade, 102 não tinham interesse permanente em participar das aulas e somente 96 tinham o hábito de participar dos debates nas salas de aulas.

Apesar de toda movimentação havida naqueles períodos em torno das discussões acerca do projeto de regulamentação da profissão de Historiador, 77 estudantes revelaram total desconhecimento do assunto. Todavia, solicitados a traçar um perfil do bom professor, anotaram como principais características, para isso, em ordem decrescente de importância, o dinamismo, a atitude democrática, a imparcialidade e o ser esforçado. Como outras características, sem ordem de importância, mas todas igualmente importantes, aparecem inteligência, capacidade, seriedade, espírito crítico, mente inovadora, pontualidade, ser exigente, ser humilde, que facilita a aprendizagem, que incentiva a pesquisa, ser atualizado, ser informado e estar comprometido com a disciplina que leciona. Entretanto, enquanto apenas 47 tinham expectativas e planos de atuar como professores de 1º e 2º graus logo que se formassem, 33 não tinham nada definido em termos de planos e expectativas para imediatamente após o fim do curso e 18 gostariam de obter promoções nos seus empregos por causa do novo diploma. "Conseguir uma bolsa de estudos" era expectativa de 27, mas 13 gostariam de fazer um "curso de pós-graduação", 28 gostariam de "trabalhar com pesquisa" e 11 gostariam de "conseguir um bom emprego" em qualquer atividade. Nas respostas livres, apareceram expectativas de "dar aulas na Universidade", "escrever um livro", "aumentar renda" e "adquirir cultura para usar em outro curso".

Sobre a questão "para que serve o Centro Acadêmico", 85 estudantes nada responderam. Entre os 92 que responderam, 16 afirmaram que o Centro Acadêmico (C.A.) não servia para nada. As poucas respostas dignas de nota diziam que o C.A. servia para "representar os estudantes", "resolver problemas do Curso junto ao Departamento", "local de encontros e troca de idéias", "a coordenação estudantil promover eventos que ajudem na realização do curso", "local de programar participação dos estudantes na política universitária", "tomar vinho e reunir os estudantes que o sistema de créditos dispersou", "pixar paredes", "emprestar livros" e "melhorar o currículo". E mais que isso, 118 estudantes afirmaram que não se sentiam ligados ao C.A., contra 44 que se sentiam ligados. Apesar disso, 150 achavam que a luta para a melhoria do Curso não era uma tarefa somente da diretoria

do C.A., embora 115 não participassem das atividades promovidas pelo C.A. contra apenas 45 que delas participavam. Mais intrigante ainda é que 150 confessaram não participar de nenhuma assembléia de estudantes do Curso.

Conclui-se que, pelo "auto retrato falado", aquela pessoa possivelmente entrou no Curso de História, como ela diz, "por vocação natural" e sua segunda opção no vestibular pode ter sido Geografia. Ela não conhecia nada da estrutura organizativa da Universidade nem do Curso, mas deve ter cumprido todas as disciplinas e terminado o Curso, no máximo, em 5 anos. Talvez ela até faça um Novo Curso. "Direito" quem sabe? É tudo tão ligado. O importante é "adquirir cultura", ter uma boa "visão crítica" e uma "profissão", pensaria ela satisfeita.

Contraditoriamente afirmava que o "Curso não correspondia às suas expectativas" e explicava que o "problema já vinha do 1º e do 2º graus", "estava no Currículo" e por "culpa dos professores". Como solução, ela sugeria "reciclagem".

Apesar de quase não saber o que era discutido nas reuniões do Departamento de História, ela percebia que os problemas do Curso não eram por causa de "falta de assiduidade" dos professores. Mesmo assim, ela achava que eles estavam "pouco comprometidos" com a melhoria do Curso.

No caso específico dela, quase só tinha condições de estudar o "mínimo essencial para passar", mas procurava não faltar às aulas e garantia ser pontual. Entretanto não podia ficar na Universidade mais que 4 horas por dia. As vezes participava dos debates na sala de aula, mas não tinha interesse em tudo.

As questões sobre a profissão de Historiador tinham sido discussões que não acompanhara, mas dizia as qualidades que pensava necessárias para qualquer pessoa ser bom professor. Aliás, após formar-se, ela pretendia ser promovida e ganhar mais no emprego que já tinha. Além disso, pretendia, preferencialmente, dar aulas no 2º grau, e, quem sabe, escrever um livro, quando der...

O C.A. não serve para nada. Uma sujeira. "Melhor passar longe", podia mesmo ser a opinião dela. Porém, ela era consciente de que a briga pela melhoria era de todos. Mesmo assim, quando acontecia, ela não ia às assembléias dos estudantes. Aproveitava para sair de fininho e ir embora mais cedo.

#### INFORMAÇÕES GERAIS.

Nessa parte, verificou-se que para concorrer a uma vaga do vestibular de História, 95 dos estudantes tinham feito cursinho e 77 não. Desses que frequentaram cursinho pré-vestibular, 36 o fizeram no Curso Nacional, 28 fizeram no Americano e 13 no Promove. Os demais estudantes tinham frequentado cursinhos diversos em número de 8. Todavia, 135 estudantes, quase 75%, consideraram que os 1º e 2º graus não lhes tinham sido suficientes "para desenvolver um raciocínio crítico sobre a realidade". Ao contrário, 30 estudantes afirmaram positivamente nessa questão.

Sobre o hábito de leitura frequente, 155 afirmaram tê-lo, mas 14 confessaram que não o tinham. Dos que tinham o hábito da leitura frequente, este hábito havia sido adquirido antes de iniciar o Curso de História e 11 adquiriram-no após.

Pela ordem, os mais lidos eram os jornais diários, revistas diversas, livros didáticos, romances, jornais alternativos e "apenas o que era exigido pelo Curso". A GAZETA era o jornal diário mais lido, com quase 60% da preferência, seguido de A TRIBUNA com 25%, JORNAL DO BRASIL com 10%, FOLHA DE SÃO PAULO com 10% e O GLOBO com 5%. Os 10% restantes de estudantes liam jornais alternativos de diversas tendências. Entre as revistas, as preferências mais significativas eram, pela ordem decrescente, VEJA, ISTO É, MANCHETE e SENHOR. Entretanto, excetuando VEJA com 60% da preferências, todas as demais tinham índices muito baixos. Aliás, a listagem das revistas indicadas chegou a 19 títulos diferentes, entre os quais apareciam publicações de tipos bem variados como, por exemplo, ciência, quadrinhos, política, folclore de artistas de rádio, TV e cinema, tecnologia, pornografia ou religião. Entretanto 110 estudantes, mais de 60%, confessaram que compravam "poucos" livros e 56, isto é, quase 27%, disseram que compravam "muitos" livros. Interessante é que 3 estudantes afirmaram "nunca" terem comprado livros. Tudo isso, parece tinha muito a ver com o fato de que 86 "frequentemente" utilizavam livros da biblioteca, 68 apenas "às vezes" e 17 "muito raramente".

Em geral, o ambiente familiar do estudante foi considerado como de estímulo ao desenvolvimento do hábito da leitura. Isto significa que 107 estudantes informaram assim, contra 53 que apontaram seus ambientes familiares como desfavoráveis.

"Frequentemente" 72 estudantes iam ao cinema, 67 iam "às vezes", 26 iam "raramente" e 5 "nunca" iam ao cinema. Porém, quanto aos jornais e/ou programas de entrevistas e debates na televisão, apenas 24 viam os "programas, às vezes". Os "jornais, às vezes" eram vistos por 24. "Raramente" 10 viam um ou outro. Entretanto "frequentemente" 118 viam os jornais, as entrevistas e os debates, na televisão.

Julgar-se um estudante "responsável e consciente" era a auto-avaliação de 155, contra apenas 11 que confessavam não possuir tais qualidades. Por outro lado, 109 viam-se como "pessoa politizada" e 135 como "pessoa informada". Já 57 diziam-se "pessoa não politizada" e 19 afirmavam-se "pessoa não informada".

Sobre a utilidade do questionário e sua importância como instrumento de detecção de problemas do Curso, 140 estudantes acreditavam nela. Ao contrário, 18 achavam o questionário uma inutilidade e sem nenhuma importância. De qualquer forma, 151 estudantes mostravam-se dispostos a discutir os resultados, em termos das informações a serem obtidas com o questionário, contra 13 que não tinham nenhum interesse nesse tipo de discussão.

Finalizando a pesquisa, foi dada a liberdade ao estudante de utilizar um espaço, especificamente destinado a isso no formulário de questões, para "acrescentar alguma coisa". dos 177 formulários que foram devolvidos, em 89 esse espaço ficou em branco. Nos questionários em que esse espaço foi usado, a grande maioria manifestou-se escrevendo inutilidades. Para exemplificar manifestações mais dignas de alguma consideração, são destacadas as que se seguem: "o questionário é infantil e primário"; o questionário "é muito bom"; o questionário podia ser "um passo definitivo para a melhoria do Curso"; "parabéns pela iniciativa"; "é necessário achar um meio de integrar os estudantes dispersos pela própria estrutura universitária"; "essa pesquisa deveria ter seus resultados discutidos em assembléias"; devia haver "oferecimento de disciplinas pela tarde e noite"; um estudante dispunha-se a trabalhar na tabulação dos dados da pesquisa e organização dos debates sobre os resultados; "gostaria de ver o Curso mais respeitado, um escreveu; outro sugeria que os professores utilizassem "recursos audio-visuais modernos nas aulas"; as questões do questionário foram "muito fechadas"; um dizia que "apesar dos problemas, gosto muito do Curso"; outro dizia que "o Centro Acadêmico Livre de História poderia ser formado por pessoas mais responsáveis, limpas e educadas" e; encerrando, um outro afirmava que "não era a participação de todos o mais importante, mas sim a consciência de quem participava".

Concluindo o "auto retrato falado", diz-se que a tal pessoa, perfil do estudante de História daqueles anos 80, provavelmente, fez cursinho. Talvez no Nacional ou no Americano.

Embora os 1º e 2º graus não lhe tenham sido fatores de desenvolvimento de um raciocínio crítico, possibilitaram-lhe a criação do hábito de leitura, mesmo que muito mais de jornais diários como A GAZETA e talvez de uma outra revista do tipo VEJA. Mas ela lia qualquer coisa, sem censuras. Embora comprasse poucos livros, o ambiente de sua casa não podia ser considerado desestimulante para tais investimentos. Ela não comprava muitos livros porque, parece, usava mais os das bibliotecas.

Gostava de cinema e quase sempre via um filme. Televisão então nem falar... via quase tudo que era noticiário, entrevista e debate que parecia importante. Talvez por isso mesmo, julgava-se estudante responsável e consciente, porém mais informada que politizada.

Ela achava que o questionário da pesquisa era um instrumento quase 75% eficaz na detecção dos problemas do Curso e até achava que dava para ela mesma participar das discussões sobre os resultados obtidos com o questionário mas não tinha muita vontade de "acrescentar" nada mais ao que já estava feito. Talvez apenas dizer algo do tipo: ah! que legal esse trabalho de vocês. Eu queria poder participar. Quando vocês terminarem com ele, eu quero saber, tá.